



ECONOMIA E JUSTIÇA

Luís Pais Antunes

Deputado. Advogado, sócio da PLMJ & Associados

No cesto da gávea

Confesso que não acompanhei com a devida atenção a visita do primeiro-ministro e da sua comitiva ao Brasil, que, segundo creio, terá sido especialmente dedicada aos temas da economia e da cultura. Estamos em Agosto, o Sol e o calor tornam-se demasiado presentes, as ruas vão ficando desertas e as notícias – que bem poderiam ser as de Verões anteriores – não convidam à leitura. Ainda e sempre os incontornáveis incêndios e as não menos incontornáveis contratações de jogadores de futebol – muitos deles fazendo o caminho inverso de José Sócrates – acompanhadas das habituais declarações de circunstância que, invariavelmente, se caracterizam pelas promessas de muitas alegrias para a “massa associativa” e pela solene afirmação de que a camisola que doravante envergarão é a concretização de um

sonho alimentado desde a mais tenra infância.

Apesar de não ter estado particularmente atento aos relatos da visita a terras de Vera Cruz, não andarei longe da verdade se aqui escrever que se tratou, certamente, de mais um grande sucesso da diplomacia portuguesa. Sempre assim foi, sempre assim será. Mesmo quando as visitas se sucedem e a realidade parece teimar em desmentir o optimismo discursivo. Já Pêro Vaz de Caminha, na sua longa carta ao rei D. Manuel I a propósito da epopeia heróica então vivida, nos relatava: “Segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram então muitos; mas não tantos como as outras vezes. E traziam já muito poucos arcos. E estiveram um pouco afastados de nós; mas depois pouco a pouco misturaram-se connosco; e abraçavam-nos e folgavam; mas alguns deles se esquivavam logo.”

Então como agora, as coisas parecem começar bem, mas nunca acabam por ser bem o que parecem. A história do nosso relacionamento diplomático, político e económico com o Brasil, em particular nos últimos 20 anos, tem de certo coisas positivas. Mas tem muitas outras que escapam aos discursos oficiais. E que parecem ser esquecidas e enterradas cada vez que se anuncia mais um virar de página no relacionamento entre os dois países irmãos. Alguns dos episódios recentes – que me dispense de referir – chegam quase a fazer lembrar a bem sucedida Operação Borracha de que nos fala Erico Veríssimo no seu romance *Incidente em Antares* e a forma expedita como foi apagada dos anais da História a fantástica rebelião dos mortos durante uma greve geral dos coveiros na fictícia cidade de Antares.

Esperemos, pois, para ver o

que nos reserva no futuro próximo esta nova embaixada. Que resultados produzirá e que benefícios dela resultarão para os dois países. Pode ser que desta vez seja diferente. Que os sucessos suplantem os insucessos. É pouco provável, mas não tardaremos muito a sabê-lo. Será então o momento de tirar as devidas ilações. E, quem sabe, talvez que aqueles que agora – como outros num passado não muito distante – tanto apregoam os méritos da iniciativa venham a ser alvo de uma condenação tão em voga nos tempos da descoberta do Brasil. A de serem obrigados a fazer a viagem de volta no cesto da gávea. Esse lugar de castigo, bem lá no alto do mastro, para todos aqueles que prevaricavam a bordo, já então tinha uma enorme vantagem: os prevaricadores, quando de lá desciam, vinham tão maldispostos que se mantinham quietos por uns tempos...!

ID: 14645249	Diário de Notícias	Tiragem: 57245	Página: 1
Data: 17-08-2006		Economia	Pais: Portugal
		Âmbito: Informação Geral	Área: 5,19X2,21 cm2
		Perid.: Diária	Corte: 2 de 2
			=



OPINIÃO 6

Economia e Justiça

Luís Pais Antunes